

meramente sobreviver, e a minoria a agir (nesse caso, com bastante diligência e satisfação) como funcionária do capital. Mais despreendido, como se exige que seja o cientista social, Callinicos pode vislumbrar, com base em conjecturas plausíveis, uma sociedade dinamizada por uma miríade de conflitos, pluralista sem ser segmenta-

da de modo sistemático por lutas inconciliáveis, e submetida ao princípio democrático da regra de maioria - princípio que pode ser aplicado, ao contrário do que pensa o intelectual burguês, sem a tutela burocrática de uma Justiça Eleitoral. Pode-se praticar a política sem que exista um aparelho de Estado.

Mauricio Chalfin Coutinho

Lições de Economia

Política Clássica,

São Paulo/Campinas, Hucitec/ Ed. da Unicamp, 1993, 225pp.

ADILSON MARQUES GENNARI
(Professor do Departamento de Economia da Universidade Estadual Paulista, Campus de Araraquara)

Vivenciamos neste final de século uma grande efervescência nas fronteiras das ciências sociais. No entanto, é possível afirmar que uma boa parte dos cientistas sociais, e em especial dos economistas, estão submersos no chamado paradigma fornecido pela economia moderna, ou "ciência econômica" do século XX, quase sempre com seus postulados traduzidos em manuais e ensinados nas melhores escolas de economia do país como a "verdadeira ciência econômica".

À economia clássica, ou para não haver enganos, à economia política, ficou reservado quase que o restrito espaço de uma parte de uma disciplina nos cursos de economia. Não são poucos os reflexos daninhos em nossa

capacidade de elucidação dos graves problemas econômicos e sociais que enfrentamos. É característica dos clássicos uma profunda honestidade intelectual no sentido de desvendar os verdadeiros determinantes ou os mistérios dos fenômenos econômicos e sociais de sua época em toda a sua profundidade e extensão. Esta foi talvez a primeira lição dos clássicos.

O livro de Mauricio Coutinho representa um esforço singular de nos trazer à memória a necessidade de um maior contato com os escritos originais do pensamento econômico clássico. Coutinho busca esta meta não por meio de uma reconstituição apriorística do pensamento econômico, mas procura reconstituir a riqueza do pensamento clássico a partir do "ambiente" que lhe deu vida, ou seja, como manifestação intelectual das mudanças advindas com o surgimento do mundo moderno.

As categorias valor, preço, renda, riqueza e população, nucleares no pensamento clássico, deixam de ser tratadas de forma "árida", como "dados" acessíveis apenas para iniciados em manipular "variáveis", e ganham vida ao serem entendidas como categorias históricas, que surgiram com a complexificação da sociedade mercantil.

Deste ponto de vista, tais categorias passaram a fazer parte crescentemente da preocupação intelectual dos homens desde o século XVII, culminando com uma verdadeira condensação no tempo de obras sobre o assunto, na segunda metade do século XVIII, momento de profundas transformações na sociabilidade humana: era a época das revoluções burguesas, das guerras de independência e das mudanças provocadas pelo processo da Revolução Industrial.

Era também o momento do nascimento da economia política, que passou pela produção intelectual de Quesnay, Cantillon, Hume, James Steuart e culminou com a publicação de *A Riqueza das Nações*, de Adam Smith.

Surgia uma nova esfera de preocupação intelectual, que tinha por objetivo fundamental estudar "as relações entre os homens, na reprodução da vida material". Como bem sugeriu Coutinho, "filósofos, cientistas e livre-pensadores passaram a reconhecer que os rudes temas da vida comercial não apenas possuem unidade como também apresentam comportamento suscetível de demonstração científica, por meio de procedimentos metodológicos peculiares".

Fundava-se a nova ciência com fortes pilares no desenvolvimento agrícola, comercial e manufatureiro ocorrido no processo da Revolução Industrial e nos avanços conquistados a nível da filosofia do direito natural e no pensamento liberal. Enfim, no âmbito mais genérico do Iluminismo que forneceu as idéias revolucionárias nas quais o homem, por meio da razão, poderia ser senhor de si mesmo, observar as forças imutáveis da natureza e se libertar dos dogmas religiosos dominantes.

É um fato bastante difundido que a Inglaterra forneceu um ambiente bastante propício para o desenvolvimento da economia política, fato este determinado pelas suas peculiaridades históricas. No entanto, emergiu na França um interessante grupo de intelectuais que buscava compreender e dar respostas ao relativo atraso da economia francesa. O grupo acabou por fundar a importante escola fisiocrática.

Coutinho ressalta que o "quadro econômico" de Quesnay é o ponto de síntese de uma escola que aplicou ao ambiente econômico francês os mesmos pré-requisitos que fundaram a reflexão econômica do século XVIII.

O pensamento fisiocrático é abordado no livro de Coutinho como um esforço que introduziu definitivamente a temática do capital à reflexão econômica.

É com *A Riqueza das Nações* de Adam Smith que a economia política clássica ganhará grande amplitude enquanto temática própria e uma ciência do pensamento econômico. Para Cou-

tinho, *A Riqueza das Nações* "é uma síntese da temática típica da reflexão econômica dos séculos XVII e XVIII, reunindo, de modo original e em uma trama coerente, os fios antes dispersos da cena material e cultural do capitalismo nascente".

Outra obra-prima da economia política clássica trabalhada no livro de Coutinho é *Um Ensaio sobre o Princípio da População*, de Thomas Robert Malthus, que "pretendia ser um libelo contra concepções igualitaristas tomadas populares após a Revolução Francesa". Malthus constituiu-se em grande representante das causas conservadoras na Inglaterra do início do século XIX. Seu relacionamento com David Ricardo foi bastante intenso, de modo que "não podemos entender as contribuições maduras do autor senão como uma contraposição obstinada à teoria ricardiana do valor e da produção".

O trabalho de Coutinho vai ao fundo do conteúdo da obra de David Ricardo e privilegia aspectos como renda da terra, determinação do lucro, formação do valor e teoria do capital.

Para Coutinho, "Ricardo toma para si o papel de guardião da continuidade na economia política inglesa, estabelecendo, simultaneamente, uma ruptura marcante com a tradição". É que o problema fundamental colocado por Ricardo em seus *Princípios de Economia Política e Tributação* era o da determinação das leis que regulam a distribuição do produto entre as classes sociais, e portanto deixou de ser, como em Smith, a determinação

das origens e das causas da riqueza das nações. Desse modo, Ricardo transitou do problema da riqueza para o da distribuição e do valor.

A razão da mudança tem a ver, em parte, "com a maturidade e com o paulatino distanciamento do ambiente original, caracterizado pela oposição às concepções mercantilistas de riqueza".

Após um relativo distanciamento da economia política de suas origens filosóficas, coube a Ricardo, paradoxalmente um dos menos filosóficos, restabelecer o contato, na medida em que sua reflexão tem como base essencial a categoria-síntese com intenso fundo filosófico representada pelo valor-trabalho.

É de conhecimento geral que vivenciamos no final do século XX profundas mudanças nas estruturas econômicas e na sociabilidade capitalista, que vieram acompanhadas do surgimento e consolidação no plano da produção intelectual de várias escolas inspiradas na teoria das expectativas racionais e no chamado individualismo metodológico, tributário dos velhos postulados neoclássicos.

É justamente nesse contexto de grande efervescência intelectual nas ciências sociais que o trabalho de Mauricio Coutinho ganha relevância, ao chamar-nos a atenção para a leitura dos clássicos e essencialmente para a riqueza ali contida. Toma-se deste modo interessante e apropriado para aqueles cientistas sociais e principalmente economistas que não se contentam com análises que se esgotam no aspecto fenomênico ou aparente da realidade.